

Madre Teresa de Calcutá: Imagem, santificação e presença

Samara Kalil

Resumo

Nosso inconsciente antropológico primitivo, juntamente com as imagens, determina nossa cultura e nossos comportamentos. Por esse motivo, podemos afirmar que não pensamos sem imagens e elas são muito anteriores ao discurso. Ou seja, a imagem resulta na presença de uma ausência, sendo ela uma representação ou não. Por isso, abordamos aqui a imagem sob a perspectiva simbólica, transitando pelas três idades do olhar, propostas por Debray (1993), e nos apoiamos em Belting (2010), com o objetivo de analisar dentro dessa lógica como se deu o processo de santificação da madre Teresa de Calcutá, buscando na história da imagem, vestígios que nos auxiliem nesta tarefa. Por fim, entendemos que Madre Teresa está hoje, portanto, representada na era dos ídolos, mas em contato com uma era visual e exposta numa era da arte.

Palavras-chave: Antropologia da imagem. Imagem simbólica. Madre Teresa. Santificação.

Introdução

“O nascimento da imagem está envolvido com a morte”. Debray (1993, p.20) desenvolve essa afirmativa fazendo um passeio pela história da humanidade, verificando que a morte física foi o primeiro canal para a constituição de uma imaginação plástica (ou o nascimento da arte), seja nas paredes, nos túmulos, nas sepulturas, nas urnas funerárias, nas estátuas tumulares.

No entanto, ele lembra que a maioria das produções não era para ser vistas pelos vivos – um exemplo são as pirâmides do Egito, que eram fechadas. Hoje, ao contrário, as imagens são expostas. Assim, numa analogia com o presente, para ele, “as sepulturas foram os museus das civilizações sem museus, assim também nossos museus são, talvez, os túmulos característicos das civilizações que já não sabem edificar túmulos” (DEBRAY, 1993, p.22).

No raciocínio desenvolvido por Debray (1993, p.23), a relação da imagem com a morte também aponta para uma íntima relação com a religião, uma vez que se a fundação de diversas religiões teve como âncora o culto aos antepassados e a sobrevivência dos mesmos, por imagem. Ele explica que na cultura grega, a palavra “ídolo vem de *eidolon*, que significa fantasma dos mortos, espectro, e somente em seguida, imagem, retrato”. Com isso, podemos trazer a ideia de representação, pois primitivamente eles já substituíam, de alguma forma, os corpos por figuras representativas do defunto.

A transposição em imagem – como glória para o herói grego, a apoteose para o imperador romano, a santidade para o papa cristão (tal como Dâmaso que se tornou venerável por um retrato em vidro dourado colocado na absíde), é o melhor que acontece ao homem do Ocidente porque sua imagem é sua melhor parte: seu ego imunizado, colocado em lugar seguro. Por ela, o vivo apreende o morto. Os demônios e a corrupção das carnes no fundo dos jazigos (no exemplo cristão) encontram aí algo que é mais forte do que eles. A ‘verdadeira vida’ está na imagem fictícia e não no corpo real (DEBRAY, 1993, p. 26).

O autor destaca ainda que, dentro dessa perspectiva, a transferência do representado para a sua representação resulta numa considerável reserva de poder, que pode ser resistente por muito tempo. Em Roma, até o período do Baixo Império, por exemplo, a exibição de retratos em público era controlada. Inicialmente, exibiam-se mortos ilustres, depois vivos poderosos. A presença de imagens de pessoas/homens comuns e os retratos e bustos de mulheres apareceram muito mais tarde.

De acordo com Debray (1993, p.27), cada civilização trata a morte à sua maneira. “O túmulo egípcio, invisível do exterior, está integralmente voltado para o interior, para a alma do defunto. (...) O túmulo grego, voltado para o exterior, interpela diretamente os vivos”. Segundo o autor, nesses dois casos, o espaço do túmulo (do morto) é distinto do espaço do templo (dos deuses). Desta forma, ele entende que a cultura cristã foi a primeira a fazer entrar os restos mortais no espaço consagrado, com os santos e os mártires, por exemplo.

Da catacumba à basílica, em seguida às capelas medievais, essa ‘câmara de relíquias’ (Duby) vemos o esqueleto ‘sair’ do subsolo e produzir sua semente, sua importância e sua glória, através de uma sucessão de encaixamentos. A tibia ou a víscera dessecada do santo ou mártir local exige o relicário; logo o oratório, ou o santuário; e, na sequência, a peregrinação e que se segue: o ex-voto de ouro, o retábulo, o díptico, o afresco e, enfim, o quadro. Assim, passa-se insensivelmente do amor dos ossos ao amor da arte; dos restos à relíquia e daí, à obra-prima (DEBRAY, 1993, p.29).

O cadáver humano não é um ser vivo, mas também não é uma coisa. Para Debray (1993, p.29) é uma presença/ausência. Isso gera tamanha inquietação que os vivos precisam de uma contramedida, que seria a “imagem do inominável, um duplo do morto para mantê-lo vivo e, por efeito indireto, deixar ver esse não-sei-o-quê em si, deixar de se ser a si mesmo como quase nada”, numa alusão a um espelhamento de quem fica e num processo quase de liberação na confecção da imagem do outro: “nós opomos à decomposição da morte a recomposição pela imagem” (DEBRAY, 1993, p.30).

É por meio dessa relação tão tênue entre a morte, a vida e a imagem que gostaríamos de desenvolver nosso raciocínio, tendo como base as três esferas descritas por Debray (1993) e que será aprofundada mais adiante: Logosfera, Grafosfera e Videosfera e que, por conseguinte, apontam para as três idades do olhar, que podem ser especificadas como a idade do ídolo, da arte e do visual.

Acompanhamos na mídia as notícias da santificação da freira católica, conhecida como Madre Teresa de Calcutá e ficamos instigados sobre como, na religião católica, acontece e é trabalhada a transição entre vida, morte e *eternização*. Mais do que isso, perguntamo-nos sobre como foi difundida a imagem da Madre, que nascida em 1910, teve seu nome – e sua imagem – veiculados durante, praticamente, todo o século XX e início do século XXI. Para isso, fez sentido buscar uma compreensão mais abrangente da história das imagens e de sua representação junto ao imaginário.

Não queremos de forma alguma criticar ou nos posicionar sobre crenças religiosas ou qualquer atitude da freira. O que buscamos é uma análise acadêmica de fenômenos da imagem, com o auxílio de uma perspectiva simbólica, que tem suas raízes junto à história da civilização. Além de nos apropriarmos de conceitos e metodologias de autores como Debray (1993) e Belting (2010), recorreremos a relatos biográficos diversos sobre a Madre Teresa, em matérias/reportagens e imagens disponíveis na internet, no intuito de que possamos juntar elementos que nos permitam realizar uma primeira leitura do processo de santificação pelo viés da imagem/olhar.

A investigação antropológica

Ao se referir à história da imagem, Belting (2010, p.7) faz uma crítica ao olhar linear para partir para uma perspectiva antropológica de análise. Para ele, “a ima-

gem, como concepção e produto, (...), se contrapõe por esse sentido duplo a qualquer esquema histórico”. Desta forma, assim como Debray (1993), seu ponto de partida é na imagem de culto, que tem origem nas imagens dos mortos e que aponta para as diversas noções de corpo. Neste caso, a imagem existe como meio para o corpo ausente e entra em jogo um conceito de meio diferente da ciência midiática atual. O conceito de corpo, para o autor, não pode se separar do conceito de imagem, pois além de representar o corpo ausente, representa também o modelo de corpo estabelecido por uma determinada cultura. Belting (2010, p. 9) aponta que: “Só é possível indagar acerca da imagem por caminhos interdisciplinares que não temem um horizonte intercultural”. Desta forma, “a perspectiva antropológica fixa sua atenção na *práxis* da imagem, que requer um tratamento distinto ao das técnicas da imagem e sua história” (BELTING, 2010, p.10).

Belting (2010) indaga sobre a superficialidade com que são tratadas as diferentes formas de se referir à imagem e suas indefinições nos discursos. E exemplifica afirmando que alguns deles trazem: imagens que parecem circular sem corpo; imagens que ficam somente no campo visual, sem o simbólico; imagens globalizadas, com signos icônicos, com semelhança a uma realidade que não é imagem; ou a transformam em um discurso da arte, que ignora as imagens que não estão em museus etc. E critica, “não somente falamos das diferentes imagens da mesma forma. Também aplicamos a imagens de um mesmo tipo, discursos muito diferentes” (BELTING, 2010, p.13).

Assim, Belting (2010, p.14) estabelece que há uma relação viva da imagem para ultrapassar a crítica de que a *antropologia* se refere somente ao estudo do ser humano (e não das imagens) e considera que a imagem é uma unidade simbólica presente na atividade visual de todos e que estabelece as orientações da vida. “Vivemos com imagens e entendemos o mundo em imagens”. Com isso, ele destaca que,

a duplicidade do significado das imagens internas e externas não pode se separar do conceito de imagem, e justamente por isso vira sua fundamentação antropológica. Uma imagem é mais que um produto da percepção. Se manifesta como resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva (BELTING, 2010, p.14).

O discurso da antropologia não se restringe a um determinado tema e “expressa uma compreensão aberta, interdisciplinar da imagem”, conforme Belting (2010, p.14). O autor frisa que “o corpo, sempre enfrenta as mesmas experiências, como tempo, espaço e morte”. Mas, na perspectiva antropológica, o homem não é o amo das suas imagens, mas o *lugar das imagens*, que tomam posse de seu corpo. Por isso, dentro dessa linha de pensamento, o autor considera os testemunhos em imagens uma troca que demonstra a inconstância do ser. Para ele, a criação de imagens no espaço social, existente em todas as culturas, refere-se à percepção sensorial ou à produção de imagens interiores. Imagem, portanto, deriva da prática humana de fazer imagens e da outra prática de usar imagens, que é culturalmente determinada.

De certa forma, na visão de Belting (2010, p. 15), a origem das imagens sempre esteve no encontro do mundo social, com as religiões e outras coisas. Por isso, levando em consideração os artefatos, as obras em imagem, a transposição de imagens e os procedimentos dos quais se obtém imagens, ele destaca que só podemos compreender o *que* junto do *como*. O *como* está contido nos meios em que percebemos as imagens que nos chegam do exterior, e só podem ser entendidas como imagens ou se relacionarem com imagens no seu meio. Mesmo inseparáveis sob a perspectiva antropológica,

Não se pode reduzir uma imagem à forma que ela recebe em um meio quando contém uma imagem: a diferença entre ideia e desenvolvimento é igualmente pouco válida para a relação entre imagem e meio. (...) A percepção de imagens é um ato de animação, é uma ação simbólica que se pratica de maneira muito diferente nas diferentes culturas e técnicas da imagem contemporâneas (BELTING, 2010, p.16).

Entretanto, Belting (2010, p. 76) é enfático ao dizer que “para fins de uma investigação antropológica que resulte relevante, é preciso manter a atenção na relação entre as imagens simbólicas de uma *práxis* coletiva e as imagens pessoais”. Dessa forma, Lopo (2013) vem de encontro a essa demanda, ao analisar o processo de construção de um santo ao longo da história. Para ele, dizer como um indivíduo terreno é declarado excepcional por suas virtudes e digno de receber a veneração e o culto do povo fiel permite entender a sociedade e muitas de suas características particulares, além das mudanças de atitude da igreja ao longo dos séculos. Isso, sem contar a multiplicidade de enfoques para a pesquisa social.

Lopo (2013, p. 22) entende que a devoção e adoração de santos são aspectos desenvolvidos gradual e paralelamente à sua criação como figuras veneráveis. Dentro desse mecanismo, várias etapas podem ser estabelecidas. Historicamente, os mártires do século II, considerados testemunhas de Cristo, tornam-se especiais para a comunidade e são reverenciados. Depois, a organização de datas especiais para evocações garante uma importante mudança que, ao longo do século IV, estende o conceito de santidade, dando espaço para, principalmente, aqueles que haviam desenvolvido algum tipo de mediação entre Deus e a comunidade – não mártires com morte heroica na defesa da fé. Neste momento, também se inicia um movimento importante de *transmissão de virtudes* para corpos santos e objetos e se firma uma forma de conexão com essas pessoas santas por meio de relíquias. Outra passagem relevante é a introdução do que chamamos hoje de milagre, uma cura com a presença de algum desses objetos.

Lopo (2013, p.23) descreve que durante a Idade Média, a hierarquia da igreja não controlava a designação dos santos. “É a *vox populi* que os nomeia, limitando a autoridades organizar os cultos criados por ela, sendo raros os casos em que rejeitam qualquer uma destas devoções”. De acordo com a pesquisa do autor, a Gália dos séculos VI-VII foi o tempo de ouro de santos populares. Na Roma do século VIII, os cultos com corpos de mártires aparecem como um

novo fenômeno, e as sepulturas passam a ser trazidas à tona, sua violação é autorizada. As catacumbas passam a ser espaços produtores de relíquias.

Sem dúvida, a floração e distribuição cria a sensação de que é necessário um controle sobre todo o processo, para garantir a sua legitimidade; como no período carolíngio, durante os séculos VIII e IX, que se promulgam as primeiras regras que regem a aprovação dos novos santos, relíquias e autenticação e adoração pública. É, então, que se proíbe venerar novos corpos santos, sua transferência ou sua elevação a um altar ou túmulo, símbolo do reconhecimento de uma santidade, sem a autorização episcopal. É também nessa época que bispos, buscando a confirmação solene de um culto, contactam o Papa em busca de apoio. Assim, acontece o que é considerada a primeira canonização papal, o St. Ulrich, bispo de Augsburg, por João XV em 993, a pedido de seu sucessor (LOPO, 2013, p. 24 – tradução nossa).

Segundo o autor, mais tarde, em meados do século XIII, passou-se lentamente de uma santidade vinda do rumor público a uma santidade reconhecida oficialmente.

Douillet (1960, p. 82) descreve que no início do século XVII já se tinham firmadas regras de aprovação de culto tais como ainda hoje vigoram junto à igreja católica. A canonização possui duas etapas: a beatificação, onde se julgam a heroicidade das virtudes ou a realidade do martírio; e a canonização propriamente dita, que é uma maior amplitude da beatificação, que só pode ser atribuída pelo Soberano Pontífice.

Para passar da beatificação à canonização, é necessário um novo processo, de forma análoga à Beatificação. Consta, sobretudo, do estudo de novos milagres obtidos por intercessão do bem-aventurado. E a sua conclusão é uma cerimônia de extraordinária solenidade na Basílica de São Pedro (DOUILLET, 1960, p. 84).

Com essa breve retrospectiva sobre a evolução da presença dos santos e do culto dos santos via Igreja Católica, voltaremos-nos agora a apresentar Madre Teresa, no intuito de, em seguida, transitar pelo seu legado numa tentativa de identificar/analisar as idades do olhar presentes em seu processo de santificação.

Madre Teresa: de noviça a santa

Tendo como fonte matérias jornalísticas e artigos expostos na internet, vamos, sem intenção de esgotamento e precisão histórica, descrever biografia e trajetória da Madre Teresa, buscando nesses materiais evidências que nos auxiliem em nossa análise. Para isso, compilamos de materiais que foram divulgados em meados da sua canonização, pontos que consideramos relevantes, visando, assim, os elementos que aparecem como justificantes de sua santificação. Ao final desse tópico, organizamos um mosaico de imagens no intuito de ilustrar visualmente.

Em breve relato biográfico, a Rádio Vaticano (2016) apresenta a freira, cujo nome de batismo é Anjézé Gonxhe Bojaxhiu. Nascida em Skopje (na ex-Yu-

goslândia), no dia 26 de agosto de 1910, de pais de origem albanesa. Faleceu em Calcutá, na Índia, no dia 5 de setembro de 1997. Considerada uma religiosa albanesa e naturalizada indiana, Madre Teresa iniciou o seu noviciado em 24 de maio de 1929, tendo no dia 25 de maio de 1931, professado os votos religiosos para a Congregação de Nossa Senhora de Loreto, assumindo o nome de Irmã Teresa em homenagem a Santa Teresa de Lisieux¹. Em 1935, foi enviada a Calcutá para concluir seus estudos religiosos. Na Índia, em contato com a pobreza e a miséria, iniciou sua conversão religiosa mais intensamente.

Em matéria, o jornal *O Globo* (2016a) lista que, em 1946, durante uma viagem de trem, ela recebeu um *chamado de Jesus*, para servi-lo entre os mais pobres. A partir daí, em 1948, ela passa a morar nas favelas de Calcutá para construir o que seria a sua primeira escola. Em 1949, ela funda, então, a organização Missionários da Caridade, para cuidar das pessoas pobres e doentes. Dois anos depois, abre a Casa do Coração Puro, para moribundos, e o seu primeiro orfanato. Passa a ser reconhecida e recebe auxílios voluntários.

No ano de 1962, recebe, portanto, o seu primeiro prêmio relacionado ao seu trabalho humanitário. Contudo, o prêmio que a deixou mais conhecida internacionalmente foi o Prêmio Nobel da Paz, em 1979.

Em 1982, esteve envolvida no conflito entre palestinos e israelenses e realizou o resgate de crianças. Em 1985, recebeu a Medalha da Liberdade dos Estados Unidos, país que mais tarde, lhe concedeu cidadania honorária. Diversos problemas de saúde a debilitaram ao longo de sua vida. Dois ataques cardíacos – 1982 e 1989 – e uma pneumonia – 1991, quase foram fatais. Faleceu seis anos depois, com 87 anos, e ficou conhecida como *santa das sarjetas*. Os restos mortais da Madre passaram a ser reivindicados tanto pela Albânia como pela Índia e pela Macedônia. Em princípio, os restos seguem na Índia.

Entretanto, após a sua morte, iniciou-se um processo de beatificação, conduzido pelo Papa João Paulo II, figura bastante próxima de Madre Teresa. Apenas seis anos após sua morte – normalmente o processo é mais longo – foi beatificada. O milagre que proporcionou tal título foi a cura de Monika Besra, de 30 anos, na cidade de Bangladesh, que tinha um tumor abdominal. Ela melhorou após ter entrado em contato com uma medalha que pertenceu à freira. Madre Teresa foi beatificada em 19 de outubro de 2003, em Roma, durante cerimônia que teve a presença de 300 mil fiéis. Com um legado enorme e mundialmente reconhecido, diversos países homenagearam e seguem homenageando a freira com hospitais com seu nome, museus, praças, estátuas e até mesmo um aeroporto. O Banco Central da Índia chegou a cunhar uma moeda em sua homenagem.

Dependente de outro milagre, a canonização ocorreu 19 anos após sua morte. Em 2015, a igreja declarou milagrosa a recuperação do brasileiro Marcilio Haddad Andrino, que sofria de abscessos cerebrais irreversíveis, segundo a medicina. Em 2008, diante da situação, a esposa começou a rezar para a Madre Teresa, por indica-

1 Viveu de 1873 a 1897 e foi uma freira conhecida como Teresinha do Menino Jesus, da ordem das carmelitas. Considerada um dos mais influentes modelos de santidade para religiosos.

ção de uma terceira pessoa. Com cirurgia de risco marcada, Andrino sentiu-se bem na noite anterior à cirurgia e, no dia seguinte, uma redução de 70% nos abscessos foi constatada e, três dias depois, haviam desaparecido totalmente. A partir daí teve início o processo de validação do *milagre*. A canonização de Madre Teresa aconteceu no dia 4 de agosto de 2016, pelo Papa Francisco, em uma missa celebrada na praça São Pedro, no Vaticano, com a presença de 100 mil fiéis.

De acordo com Aquino (2016), durante a cerimônia de canonização foi apresentado um relicário que contém um cabelo e o sangue da nova santa, consideradas pela igreja relíquias de primeiro grau. Também existem relíquias de segundo grau, que são os objetos usados pelo santo ou pela santa, ou associados ao sofrimento de um mártir; as relíquias de terceiro grau são os objetos que foram tocados ou a tumba do santo. É possível, de acordo com a página oficial do Centro Madre Teresa de Calcutá, solicitar uma relíquia autêntica da nova santa.



Figura 1. Mosaico de imagens elaborado pela autora.

Fonte: <http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br> – Acesso em: 4 nov. 2016.

As idades do olhar

Dentro da história da imagem ou do olhar, Debray (1993, p. 206) reconhece uma temporalidade própria e mais radical e adota conceitos e terminologias para as diferentes funções/apelações da imagem. Para ele, “a imagem que não é suporte da mesma prática, não pode ter o mesmo nome”. Assim, ele incorpora um ponto de vista atrelado ao seu curso de midiologia geral e distingue três grandes regimes (médiasferas) para localizar uma imagem, a partir da evolução das técnicas de transmissão.

À logosfera, corresponderia a era dos ídolos no sentido alto (do grego *eidolon*, imagem). Este período estende-se da invenção da escrita à da imprensa. À grafosfera, a era da arte. Sua época estende-se da imprensa à TV em cores (como vemos muito mais pertinente do que a foto e o cinema). À videosfera, a era do visual (conforme termo proposto por Serge Daney). É precisamente a era que vivemos. (DEBRAY, 1993, p.206.).

É pertinente entender que, em cada uma dessas eras, é possível encontrar diferentes meios de vida e pensamento, que segundo o autor, “possuem estreitas conexões internas, um ecossistema da visão e, portanto, um certo horizonte de expectativa do olhar”, conforme Debray (1993, p. 206-207). Ele salienta também que as médiasferas não se excluem, que são dinâmicas sucessivas, por revezamento de hegemonias, “baseados em um mesmo impulso que combina aceleração histórica com dilatação geográfica”. Ele descreve os tempos de cada perspectiva.

O ídolo é a imagem de um tempo imóvel, síncope de eternidade, corte vertical no infinito imobilizado do divino. A arte é lenta, mas mostra já figuras em movimento. Nosso visual está em rotação constante, puro ritmo, obcecado pela rapidez (DEBRAY, 1993, p.207).

Debray (1993, p.208-209) esquematiza as características de cada idade do olhar. Na idade do ídolo há a transição de uma mentalidade coletiva do que se expressava como magia, para a religião. Para ele, “a nova fé assume os esquemas de visão da Antiguidade e assume aí sorrateiramente (como faz para suas estruturas políticas de autoridade) embora, recusando-se na teoria”. Neste caso, a logosfera, que se evidencia como um regime do ídolo traz a presença (transcendente) e é, ao mesmo tempo, vernacular. Destacamos também que no ídolo são ressaltadas expressões de piedade, visando a eternidade por meio de culto e com laços fortes com a crença.

A grafosfera, que se refere a um regime da arte, da representação (ilusória), faz a transição da religião/teologia para o histórico, ou, como o autor sugere, do divino para o humano como centro de referência. Traz a ideia da mobilidade física e da circulação, com viés teórico estético ancorado na genialidade, na seriedade, na imortalidade e no deleite.

Já a videosfera aponta para um regime do visual, relacionado à simula-

ção (computadorizada), produzido para abrangência mundial. Transita entre a individualidade do humano e o mundo global. Aponta, ainda, para aspectos relacionados à publicidade, à ironia, ao acontecimento, à inovação, ao espanto ou à distração e ao poder de compra (DEBRAY, 1993, p. 210-211).

Na era 1, o ídolo não é uma questão estética, mas religiosa, com implicações diretamente políticas. Questão de crença. Na era 2, a arte conquista sua autonomia em relação à religião, embora continuando subordinada ao poder político. Questão de gosto. A era 3, a esfera econômica decide sozinha a respeito não só do valor, mas também da distribuição das imagens. Questão de poder de compra (DEBRAY, 1993, p. 213).

Cabe destacar que o autor, ao entender que as idades da imagem como auxiliares numa leitura qualitativa do mundo vivido – “Diz-me o que vês, e eu te direi porque vives e como pensas” –, utiliza-se da lógica semiótica de Peirce para estabelecer a sucessão das *eras*. Traz à tona as noções de índice, ícone e símbolo. O autor esclarece que o índice “é um fragmento ou contiguidade do objeto, parte ou tomada de um todo”. O ícone, “assemelha-se à coisa, mas não é a coisa”. Motivado por uma identidade ou forma. Já o símbolo “não tem qualquer relação analógica com a coisa”. É “arbitrário apenas no que diz respeito a ela”. Ele traz também a ideia de ícone como índice, que exemplifica via ícone ortodoxo, que seria indicial em virtude de propriedades miraculosas etc. (DEBRAY, 1993, p.213).

Destaca, portanto, as três imagens:

A imagem-índice fascina. Quase que exige ser tocada. Tem um valor mágico. A imagem-ícone inspira somente prazer. Tem um valor artístico. A imagem-símbolo requer um distanciamento. Tem um valor sociológico, como sinal de estatuto ou marcador de estrato social (DEBRAY, 1993, p.214).

O autor ressalta que as classes de imagens – ídolo, arte e visual – não tratam de naturezas dos objetos, mas de tipos de apropriação pelo olhar. As três agem conjuntamente, se justapõem e reativam umas às outras. “Nenhuma qualidade de olhar é superior à outra pelo fato de ser-lhe posterior e ainda menos exclusiva” (DEBRAY, 1993, p.215).

Considerações finais

Debray (1993, p.210-211), elaborou uma tabela em que dispõe dezenove características das imagens em cada uma das três eras – logosfera, grafosfera e videosfera. Além disso, conforme explicamos, aponta aspectos das três idades do olhar. Diante disso, analisamos cada uma dessas propostas e tentamos estabelecer ligação com a trajetória de Madre Teresa até a Santificação. Trata-se de uma primeira aproximação, sem pretensão de ligar de forma precisa cada uma das características expostas, mas de tentar, por meio delas, localizar e entender

as dinâmicas presentes. Exemplificaremos algumas das ligações utilizando as fotos do mosaico da Figura 1.

Madre Teresa de Calcutá viveu predominantemente no século XX. Um século marcado pela comunicação visual, por uma economia capitalista, com mais intensidade e capacidade de transmissão técnica, principalmente da segunda metade do século para o século XXI. A Igreja Católica atuou e se utilizou muito bem dos meios para transmitir sua imagem e estar junto de seus fiéis. Nessa onda, a construção da representação da Madre junto aos católicos, em especial, americanos e europeus, ocorre, aparentemente, sob um alicerce antigo, que é o do mártir, mas em suportes de grande difusão. Tratando-se de religião, é evidente a transição de uma língua italiana tradicional para uma americanização. O tempo se desloca abruptamente para acompanhar a imagem da Madre e incorpora a mobilidade e a fácil adaptabilidade em diferentes espaços geográficos.

Em sua trajetória, a mudança para Calcutá e a decisão de viver junto aos pobres são considerados atos de extrema coragem nas sociedades. Muito jovem, mesmo já tendo realizado seus votos religiosos, ela abre mão do seu espaço original e seguro para estar junto de uma população necessitada. Essa apresentação de fatos pontuais referentes à vida dela é casada com uma narrativa visual muito intensa - as imagens com essa conotação, no caso, fazem a confirmação, direcionando o imaginário e o olhar (ver Figura 1). São atribuídas a ela a fundação de escolas, de uma organização com seguidores/voluntários e muitos outros feitos, todos relacionados ao trabalho voluntário e humanitário e com a linha e presença católico-religiosa.

O contato com pessoas frágeis fisicamente/doentes e crianças, em especial, é a sua marca nos registros fotográficos (Figura 1; fotos 7, 9, 15, 22 e 23). Isso, além da própria imagem da Madre, que usa uma vestimenta muito característica, que reflete uma *aura santa*” (Figura 1, fotos 12, 16 e 24). Outro ponto importante na linha visual são os registros dela junto a autoridades, como presidentes, chanceleres, líderes, famílias reais e outros (Figura 1, fotos 6, 12, 17 e 21). São imagens propagadas mundialmente e visualizadas através da mídia. Não vemos a Madre triste ou em alguma situação desfavorável. Nos registros, sempre a vemos com um semblante sereno, em situações que a exaltam como um canal de tranquilidade e bondade (Figura 1, fotos 3, 4, 16, 19, 20).

Destacamos também que, por meio de fotografias, como as expostas no mosaico na Figura 1, há uma característica performática, pois a maior parte dos registros ressalta acontecimentos. Entendemos o recebimento do Prêmio Nobel como um ápice nesse aspecto. Os apelidos dados a ela, como *santa das sarjetas* também mostram uma espetacularização.

Todo esse primeiro recorte, ligado à videosfera, ressalta, de certa forma, presença, propósito e circulação imagética enquanto uma pessoa viva. Angaria – numa linguagem atual – fãs/seguidores/admiradores pelo mundo todo. Após sua morte, a era do olhar visual permanece, mas outras relações passam a ser estabelecidas, quase de forma mágica. A eternização, naturalmente, passa a ser um objetivo. O início do processo de beatificação junto à Igreja Católica direciona e faz todo o sentido dentro do contexto aparentemente preparado para isso. Assim, a idade do olhar do ídolo – logosfera – é evidenciada.

As características importantes dessa era, como uma mobilidade de existência viva, um referente sobrenatural, uma fonte de luz espiritual ligada a um objetivo e a uma expectativa de proteção, em que o objeto de culto será um santo e o ponto de mira do olhar é através da imagem e não somente a imagem, passam a vigorar (Figura 1, fotos 2, 5, 10 e 25). Principalmente, durante e após vencidas as etapas de santificação. O primeiro milagre, que conta com uma medalha que foi da Madre é um exemplo claro de imagem-ícone, como índice. Na canonização, o milagre atribuído à Madre por meio da reza, traz uma questão de crença e uma presença bem simbólica da imagem dela.

Chamou-nos muita atenção a questão das relíquias e o poder atribuído a elas, uma relação íntima da idade do ídolo com a eternidade, o culto, a crença e a expressão de piedade, mas que transita para a arte por meio da imagem de imortalidade e da mobilidade de uma época em que a musealização (já existem pelo menos dois museus dedicados a ela) se faz presente (Figura 1, fotos 10 e 25).

As idades e o olhar, como o próprio Debray (1993) já afirmou, se entrelaçam. Percebemos que convivem e, como que em um acionamento inconsciente, podem sobrepor-se ou serem redirecionadas. Olhar e imagem pulsam e se formam a partir de uma subjetividade que, direcionada ou não, regula nossa existência e nossas relações. Pensar antropológicamente é exercitar, acima de tudo, a circulação do olhar e das imagens; não de forma isolada e classificada, mas entrelaçada com um viés comportamental, histórico e cultural de entendimento. Madre Teresa está hoje, portanto, representada na era dos ídolos, mas em contato com uma era visual e exposta numa era da arte.

Mother Teresa of Calcutta: image, sanctification and presence

Abstract

Our primitive anthropological unconsciousness, together with images, determine our culture and our behaviors. For this reason, we can affirm that we do not think without images and they come long before a discourse. In other words, an image results in the presence of an absence, whether it is a representation or not. Because of this we now address the image from a symbolic perspective, passing through the three ages of looking, proposed by Debray (1993), and we support this with Belting (2010), with the aim of using this same logic to analyze, how the process of the sanctification of Mother Teresa of Calcutta arose, searching for remnants, within the history of the image, which will help us with this task. Lastly, we understand that Mother Teresa is today, therefore, represented in the era of idols, but in contact with a visual era and exhibited in an era of art.

Keywords: *Visual anthropology. Symbolic image. Mother Teresa. Sanctification.*

Referências

AQUINO, Felipe. Como conseguir uma relíquia original da Madre Teresa de Calcutá. *Ací Digital*, Lorena, 6 set. 2016. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticias/como-conseguir-uma-reliquia-original-da-madre-teresa-de-calcuta-siga-esses-passos-74124/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

BBC, Brasil. *Papa reconhece milagre de Madre Teresa de Calcutá*. 20 dez. 2002. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021220_madrefn.shtml. Acesso em: 23 nov. 2016.

BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Madrid: Katz, 2010.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

DIGITAL, ACI . *Santa Teresa de Calcutá: o significado espiritual do relicário em sua canonização*. 4 set. 2016. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticias/santa-teresa-de-calcuta-o-significado-espiritual-do-relicario-em-sua-canonizacao-90799/>> Acesso em: 23 nov. 2016.

DOUILLET, Jacques. *O que é um santo*. Flamboyant: São Paulo, 1960.

G1, *Quem foi Madre Teresa de Calcutá*. 4 set. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/quem-foi-madre-teresa-de-calcuta.html>> Acesso em: 23 nov. 2016a.

G1. Brasileiro cuja cura é atribuída à Madre Teresa diz não ser 'privilegiado'. *Agência Efe*. 2 set. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/brasileiro-curado-por-madre-teresa-diz-que-nao-se-sente-privilegiado.html>> Acesso em: 23 nov. 2016b.

GLOBO, O. *Conheça alguns dos momentos mais importantes da vida de Madre Teresa*. 9 set. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/conheca-alguns-dos-momentos-mais-importantes-da-vida-de-madre-teresa-20049818>> Acesso em 23 nov. 2016a.

GLOBO, O. *Indiana conta como luz de Madre Teresa de Calcuta curou seu câncer*. 2 set. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/indiana-counta-como-luz-de-madre-teresa-de-calcuta-curou-seu-cancer-20040228>> Acesso em 23 nov. 2016a.

LOPO, Domingo L. Gonzáles. *¿Cómo se construye la historia de un santo? La imagen del santo y su evolución a través de los siglos: el ejemplo de S. Rosendo de Celanova*. Lusitania Sacra, 28, jul-dez. 2013. 21-48. Disponível em: <[http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13192/1/LS_2013\(28\)_21-48.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13192/1/LS_2013(28)_21-48.pdf)> Acesso em: 23 nov. de 2016.

MADRE TERESA DE CALCUTÁ: OFFICIAL SITE. Disponível em: <<http://mother-teresa.org/layout.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

MAYRINK, José Maria. Papa beatifica hoje Madre Teresa. **Folha de Londrina**. Londrina, 19 out. 2003. Disponível em: <<http://www.folhadelondrina.com.br/geral/papa-beatifica-hoje-madre-teresa-466781.html>> Acesso em: 23 de nov. 2016.

SÃO SEBASTIÃO, Arquidiocese de. *Exposição conta a trajetória de Madre Teresa de Calcutá*. Rio de Janeiro, 9 ago. 2013. Disponível em: <<http://arqrio.org/agenda/detalhes/145/exposicao-counta-a-trajetoria-de-madre-teresa-de-calcuta>> Acesso em: 23 nov. 2016.

VATICANO, Rádio. *Cerimônia da canonização de Madre Teresa de Calcuta*. Cidade do Vaticano, 04 de set. de 2016. Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/04/cerim%C3%B3nia_da_canoniza%C3%A7%C3%A3o_de_madre_teresa_de_calcuta/1255785 - Acesso em: 4 nov. 2016.

